

segunda | terça | quarta | quinta | sexta  
 | entrevista | **discos** | livros | cinema | estreias |

# Nome que virou

Obra de Marcos Valle na Odeon é relançada em caixa com 11 CDs

A caixa *Marcos Valle Tudo* é o documento de uma metamorfose.

Em 11 álbuns, gravados na Odeon entre 1963 e 1974, é possível acompanhar a caminhada do músico carioca: de discípulo de João Gilberto a, simplesmente, Marcos Valle.

**E**le se tornou um gênero na música brasileira – como também são Jorge Ben Jor, João Donato e outros artistas-inventores, que não se parecem com nada, a não ser com eles mesmos. A transformação se deu em 1969, quando gravou o LP *Mustang Cor de Sangue*. Ali, o músico se libertou da estética banquinho e violão e se entregou a um arsenal de referências rock, black e pop.

Valle tinha 15 anos em 1958, quando ouviu a tal batida pela primeira vez. O impacto do momento fez com que jogasse no baú da memória o resto, tudo o que ouvira até então nos discos de casa. Eram coletâneas compradas pelo pai; Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e Maysa; e as coisas que a mãe pianista ouvia – música clássica.

Na caixa, há tudo isso. Há também o inédito *The Lost Sessions*, descoberto nos porões da EMI (ex-Odeon) por Charles Gavin, ex-Titãs e idealizador do projeto. As gravações são de 1966 e formariam o terceiro LP do cantor na Odeon, caso ele não tivesse partido para uma temporada nos EUA.

– Quando voltou, já estava interessado em outro som – diz Gavin.

Valle atravessou os anos 1990 sem lançar discos. Só recebia convites para regravar os próprios sucessos dos anos 1960. Naquele período, o Brasil se dedicou a visitar a bossa nova.

– Gosto de coisas novas. Foi um momento de parada mesmo. Fiquei até preocupado – lembra Valle. – Mas, de repente, veio essa recompensa lá de fora. Valeu a pena.

Naquele década, uma gravação sua da canção *Os Grilos* foi descoberta por DJs na Inglaterra e virou música de pista. Primeiro nos clubes ingleses e, depois, seguindo para a Itália e se espalhando pela Europa inteira, chegando até o Japão. O mercado internacional se abriu para o compositor. E, consequência natural, também o mercado do Brasil.

– Na volta, os meninos brasileiros começaram a se dizer influenciados por mim – conta.

Ele se refere aos cariocas Kassin e Domenico, do coletivo +2. E Marcelo Camelo, da banda Los Hermanos, que se tornaria parceiro no novo *Estática*, que também sai agora no Brasil (*leia ao lado*).

## gênero

Marcos Valle mantém vigor criativo aos 67 anos

## Novo CD: música nova

Folhapress

RONALDO EVANGELISTA

*Estática* é o quarto disco de Marcos Valle feito para a gravadora inglesa Far Out, a mesma de discos recentes de Joyce e Azymuth. Lançado na Europa em 2010, ganha agora edição nacional da EMI.

Valle esbanja intentos de originalidade, claramente buscando o elemento mágico de discos como *Previsão do Tempo* (1973), tão famosos nessa época de redescoberta de sua música. O que esperar de quem sempre surpreende? Se hoje seu som não é o mesmo, ao menos não se pode acusá-lo de passadismo. Tocando piano e piano elétrico, cercado de arranjos com cordas e sintetizador, Valle encontra um som plástico, moderno, como no groovezinho pa-pa-pa de *Esphera* e nas vinhetas instrumentais *1975*, *1985* e *1995*. Outras músicas novas, além de tradicionais letras de seu irmão Paulo Sérgio, incluem a parceria com Joyce, *Papo de Maluco*, e as composições com Marcelo Camelo, *Eu Vou*, *Vamos Sambar* e *Esphera*.

Desde que era um nome da segunda geração da bossa nova até seu auge em discos inclassificáveis e geniais em muitos aspectos (como som, produção, composições, conceito, capas), do começo dos anos 1970, o impressionante da música de Marcos Valle sempre foi o frescor criativo. Precioso ver como seu vigor loiro, carioca e altamente musical chega aos 67 anos.



MARCOS VALLE TUDO

Marcos Valle

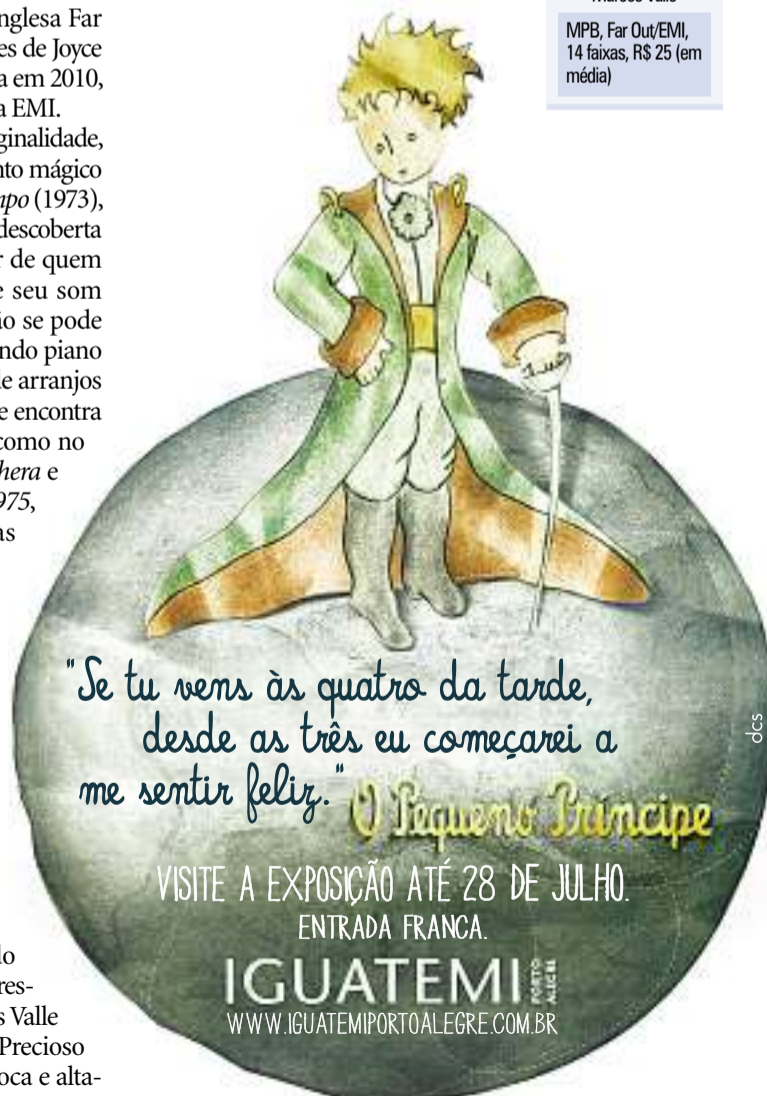
MPB, EMI, caixa com 11 CDs, R\$ 160 (em média)



ESTÁTICA

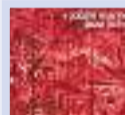
Marcos Valle

MPB, Far Out/EMI, 14 faixas, R\$ 25 (em média)



## |lançamentos|

+ **Jobim Jazz**  
 Mario Adnet



As elaboradas harmonias e as belas melodias de Tom Jobim são material rico para versões instrumentais. Tanto que este já é o segundo volume que o cantor, compositor e violonista Mario Adnet dedica ao tema. Aqui, o repertório é menos óbvio, mas há canções famosas de sobra – *Wave* e *Samba do Avião* entre elas – para o ouvinte reconhecer. Tudo, é claro, permeado de inspirados solos de cordas, teclas e, especialmente, sopros. Biscoito Fino, 13 músicas, R\$ 35 em média.

Volume 2  
 Trio Corrente



Releituras e temas próprios dividem espaço quase que igualmente neste segundo álbum do grupo, que reúne grandes instrumentistas da nova geração – o pianista Fabio Torres, o baixista Paulo Paulelli e o baterista Edu Ribeiro, que costuma tocar com o gaúcho Yamandu Costa. Juntos, os três mostram virtuosismo e suingue jazzístico, sempre norteados pelos ritmos brasileiros. Borandá, 13 músicas, R\$ 25 em média.